

REVISTA

BULUNGA

outubro de 2022 - número 10

neste número
entrevistamos um

EX-COMUNISTA



Uma mensagem aos ex-companheiros
que querem mexer em time que está ganhando

EDITORIAL

A luta continua. Governistas x Oposicionistas permanecem se digladiando em festas de crianças e de casamento, quermesses de igrejas, bailes de formatura, velórios e filas de doação de sangue, por causa de dois personagens: um ex-capitão do exército e um ex-presidiário, ambos empenhados na promessa de salvar o Brasil, que acabou de passar por uma pandemia, mas que, agora que começa a dar mostras de que irá se recuperar, tem gente querendo desabar o barraco.

Analistas internacionais arriscam dizer que o Brasil se tornará o celeiro do mundo, o que é muito provável, mas o futuro presidente terá que tomar providências para garantir o estoque de alfafa para consumo interno, ingrediente vital na alimentação dos asinos votantes.

De um lado, os conservadores, pretendendo resgatar os valores da família, as calcinhas beges de abas largas, a cueca samba-canção com abertura na parte da frente, e de outro os liberais, que querem ter carta livre para fazerem suas necessidades fisiológicas nas ruas, praticarem sexo ao ar-livre, além de garantirem o direito de cortar ou implantar pingolins quando e onde bem entenderem.

A disputa é acirrada, com fake news pipocando nas redes sociais e as autoridades máximas optando por reprimirem apenas um lado, visto que ao outro é permitido fazer o que quiser.

Cheguei a presenciar, recentemente, um acalorado debate em um baile da terceira idade, com dentaduras, bengalas, andadores e comadres voando para todos os lados. Uma coisa terrível.

A coisa está tão animada que o povo até se esqueceu do futebol e do carnaval, bem como das novelas e do Big Brother. O resultado é imprevisível, mas um velho parlamentar já nos segredou que pior que tá não fica, o que renova as esperanças das pessoas com os seus cérebros dominados por um realismo fantástico. Mas seja o que Deus quiser.

RELIGIÃO X POLÍTICA

Dizem que religião e política não devem se misturar, mas na hora do aperto, muito candidato vai à missa e alguns até resolvem comungar. No passado, a igreja tinha uma grande influência sobre o Estado, e o caso mais famoso aconteceu na Inglaterra, ocasião em que o Rei Henrique VIII queria se divorciar de Catarina de Aragão, pois ela não conseguia lhe dar um filho (é errado falar filho homem, pois não existe filho mulher, ou melhor, não existia até bem pouco tempo), o que comprometeria a sucessão do trono, e diante da recusa da Igreja em autorizar o ato, resolveu dividir tudo e criou a igreja Anglicana, passando a ser o chefe supremo da Igreja da Inglaterra. E de quebra foi implantada a doutrina teológica de João Calvino. Mas Henrique VIII tinha um mórbido prazer de mandar cortar as cabeças das esposas, e assim aconteceu muita coisa até que, séculos depois, veio a Rainha Elizabeth II, que todo mundo pensou que seria imortal, mas acabou morrendo recentemente.

No Brasil, os eleitores estão meio assustados com crescimento do número de representantes religiosos, principalmente os evangélicos, nas mais recentes eleições. Não existe qualquer impedimento para que o representante de uma denominação religiosa se candidate a um cargo eletivo, mesmo sabendo das vantagens que pode obter diante de um cidadão comum, em relação a uma possível influência sobrenatural sobre os seus seguidores, e isso sabemos que muitos se utilizam deliberadamente desse recurso. Mas também sabemos que nem todos são mal intencionados. Alguns escândalos tem sido noticiados, mas se relacionam com abusos que já eram praticados em suas respectivas igrejas.

O problema é que quando um candidato que se autodenomina cristão se envolve em corrupção, isso suja o nome de todos os demais, pois o eleitor espera que o líder espiritual seja diferente dos outros políticos, mas precisa também saber que política não foi feita para santos, mas para gente esperta, e é desse jeito que esse ambiente sujo e cheio de hipocrisia se mantém.

Um político normalmente muda de lado assim como troca de roupa. A solução poderia ser obrigá-los a usarem uniformes, mas seria tão eficaz como a atitude do marido que, ao chegar em casa, flagra a esposa o traindo com o vizinho no sofá e manda jogar fora o sofá.

Proibir líderes religiosos de se candidatarem, como muitos pretendem, também não há de ser a melhor solução. Mais eficiente seria investir em educação, para que o povo aprenda a deixar de ser besta e não se deixe ludibriar tão facilmente com promessas impraticáveis, mas isso levaria séculos. Então deixa do jeito que está.

Bulunga entrevista

UM EX-COMUNISTA

Olhando rapidamente, não dá para perceber que este senhor grisalho, com seus 60 anos, de aparência distinta, que transita tranquilamente pelas ruas do centro de Porto Alegre, trajando uma calça jeans desbotada, camisa de malha branca e um blazer cinza, além do sapato casual, sempre com meias brancas, possa ter sido um ex-seguidor de Marx e Engels, e que acreditava que poderia dividir igualmente as coisas dos outros, sem abrir mão do que é seu, teoria que causou muito alarde quando adotada por populosas nações, a partir da Segunda Grande Guerra Mundial, sempre fadada ao fracasso por onde passou, mas que agora, tardiamente, chega ao Brasil como uma proposta para desgravar o país, o que nem mesmo a Pandemia do Covid-19 foi capaz de fazer, pois nestas terras o dinheiro brota do chão (mas vai parar nas malas e nas cuecas de políticos).

Evitando ser identificado, porque se envergonha do passado, hoje ganha a vida produzindo artesanato em sua casa, e conta com a ajuda da mulher, do filho e de dois empregados, distribuindo seus produtos para diversos pontos da Capital e do interior, e já está estudando a expansão para outros Estados e países. Possui uma boa lista de clientes, alguns deles famosos, sendo que muitos vão lá para escutar suas histórias, do tempo em que foi hippie e, principalmente, das lições que aprendeu na vida e fizeram com que mudasse radicalmente suas ideologias políticas e religiosas, tornando-se um homem trabalhador e cumpridor de seus deveres, qualidades que os socialistas mais rejeitam. Pena que o tempo passou muito rápido, mas tivemos a sorte de poder registrar, aqui, os melhores momentos.

BULUNGA – Cara, como foi difícil fazer com que você aceitasse esta entrevista!

EX-COMUNISTA – Peço desculpas pelo pedido para preservar a minha identidade, mas não quero passar esse ridículo diante de meus familiares. Afinal, já sou um avô. Não quero que saibam como eu era BURRO.

BULUNGA – Você se envergonha de ter sido um Comunista?

EX-COMUNISTA – Não há a menor dúvida. Vou contar algumas coisas e você há de dar-me razão. São coisas engraçadas, e eu só topei dar essa entrevista porque a Revista Bulunga tem uma proposta de humor. Um humor mais sofisticado, é claro.

BULUNGA – Ficamos lisonjeados com o elogio. Mesmo partindo de um ex-comunista... (risos)

EX-COMUNISTA – (risos) Aí você me ferrou...

BULUNGA – Nós somos sofisticados e sacanas...

EX-COMUNISTA – Não é só um elogio: é uma constatação. No passado, tínhamos publicações como o jornal “Pasquim”, que tinha esse lance de humor, mas o foco principal era a política. E a quase totalidade das publicações que existem hoje só falam de fofocas, de novelas estúpidas, de Big Brother, de celebridades-miojo. E o principal foco de vocês é a literatura, o que é ainda mais raro, porque o brasileiro tem uma preguiça enorme de ler.

BULUNGA – Você está certo: estamos fadados ao fracasso, porque o brasileiro ODEIA ler...

EX-COMUNISTA – Se o povo gostasse de ler, não cairia nessas conversas de comunistas. É só ler alguns livros de história. Está tudo lá.

BULUNGA – E você sempre leu muito. Lembro-me dos tempos da faculdade. Importante explicar para os leitores que nos formamos juntos.

EX-COMUNISTA – Isso já faz tempo... quarenta anos? Eu lia muito mesmo. Além do Direito, estudava história, geografia, política, estudei sobre o fascismo, o nazismo, o comunismo, mas no princípio identifiquei-me mais com o Anarquismo. Eu sempre chegava nos bares, para a roda de amigos, e perguntava: “Hay gobierno? Soy contra!”

BULUNGA – Lembro-me disso. Mas sempre achei o Anarquismo uma viagem de maconheiros...

EX-COMUNISTA – E era exatamente isso. Nós fumávamos uns baseados nos fundos da escola, atrás da sala do Diretório Acadêmico, do qual eu fazia parte, e ficávamos discutindo sobre Proudhon e Bakunin. Nos sentíamos muito importante declamando aquelas besteiras que líamos na noite anterior, exatamente para nos exibirmos no dia seguinte. Nos achávamos “os intelectuais”.

BULUNGA – Coisas de adolescentes...

EX-COMUNISTA – Sim! Queríamos exercer a nossa

autoafirmação, conquistar as meninas e nada mais atraente do que fazer parte do D.A., fumar maconha, tocar violão, usar umas calças desbotadas e camisas xadrez aberta com camiseta branca por baixo. Não tinha uma só garota que resistia. Peguei várias.

BULUNGA – Foi, no mínimo, divertido...

EX-COMUNISTA – Mas éramos meio paranóicos. Certa vez, estava com uma turma fumando um beck perto de um lote vago, quando veio andando em nossa direção um cara vestindo um uniforme, e como estava meio escuro, pensamos que era polícia. O baseado estava na minha mão e tive que engolir o negócio. Queimou tudo por dentro. Depois me deu uma espécie de “afta” e levou uns dois meses para sarar. Se acontecesse de novo, preferiria ser preso.

BULUNGA – E era polícia mesmo?

EX-COMUNISTA – Que nada! Era um cara com um uniforme qualquer que voltava do serviço. Ele sentiu o cheiro e parou para pedir para fumar uma ponta, mas aí o nosso colega falou: “este idiota aqui engoliu o bagulho, pensando que você era gambé”. E ainda tomei esporro do maluco, que falou: “pô, cara, você é muito vacilão... desperdiçar uma preciosa assim, de bobeira. Fica esperto”.

BULUNGA – (risos) É só você mesmo... Mas ficamos afastados um bom tempo... cada um foi para um lado e se arranjou na vida...

EX-COMUNISTA – Ah, mas aquele foi um tempo legal... a gente conhecia muita gente doida. Muitos artistas. Artista adora ser comunista. Eu também era artista. Me envolvi com teatro, dança, música. Tive até uma banda. O nome era “Os Bostas”.

BULUNGA – Não acredito...

EX-COMUNISTA – Verdade! E fez até um certo sucesso. A gente só falava merda, e daí ficou o nome.

BULUNGA – Então por quê não colocaram “Os Merdas”?

EX-COMUNISTA – É tudo a mesma coisa: tudo fede. É que “Os Bostas” a gente podia falar assim meio cuspindo... era muito ridículo. Teve uma vez que fomos nos apresentar em um bar até legal, e aí um dos caras da banda se envolveu com uma garota que estava com o namorado. Ela tinha brigado com ele e queria dar para o primeiro que aparecesse na frente, e esse primeiro foi o nosso amigo, que tocava gaita, e era o mais feio de todos. Ele ficou todo empolgadão, e quando o namorado apareceu, quis enfrentar o cara, um bombado que dava uns dois dele. Ele a-

creditou que a garota ficou gamadona nele, mas no final ela acabou voltando para o namorado.

BULUNGA – E como ficava essa questão do Movimento naquele tempo? Havia muita repressão?

EX-COMUNISTA – Eu não peguei o Movimento no auge, que foi nos anos 1960-70. Entrei já em meados dos anos 1980, pois nasci em 1960. Mas antes eu já participava das reuniões, porque era muito alto, tinha barba e uma voz grossa, e aí nem desconfiavam que eu era menor de idade.

BULUNGA – E sobre o que vocês tratavam nessas reuniões?

EX-COMUNISTA – Sobre a crise em países do Leste Europeu. Combinávamos que mandaríamos ajuda, que planejaríamos uma intervenção. Mas o nosso grupo não passava de oito pessoas, éramos uns duros, e um dia cheguei a perguntar como faríamos isso, e não conseguíamos nem mesmo resolver nossos problemas internos, e eles me olharam friamente, com censura. Pensei que iriam me expulsar, mas acabei saindo pouco depois disso.

BULUNGA – E o que aconteceu depois?

EX-COMUNISTA – O partido dos trabalhadores estava surgindo, começou a ganhar força rápido, e aí fui para as ruas vestindo camisa vermelha, botom de estrelinha e cantando “Lula-lá”...

BULUNGA – Não acredito...

EX-COMUNISTA – Foi ridículo... ainda bem que não guardei nenhuma foto do episódio...

BULUNGA – E você foi ativo no novo partido?

EX-COMUNISTA – De certa forma, fui. Eu me juntava a qualquer greve que eles planejavam, participava dos piquetes, enfrentava a polícia, entrava na quebradeira. E sempre aproveitava para pegar as garotas vermelhas, que eram mais fáceis...

BULUNGA – E elas eram ao menos bonitas?

EX-COMUNISTA – Bonitas? Só tinha canhão. Mas eu precisava mastigar...

BULUNGA – Se as feministas nos ouvem isso, estamos perdidos...

EX-COMUNISTA – Eu estava no auge da minha explosão hormonal e tinha que extravasar...

BULUNGA – Então você nunca foi um comunista de verdade... estava só de zoeira.

EX-COMUNISTA – De forma alguma. Eu pensava como eles. Já me via invadindo mansões, fazendas, tomando carros... Tinha um filme que eu assisti umas cinco vezes, Dr. Jivago, com o Omar Sharif, que falava da Revolução Russa, com a formação da URSS. O filme era totalmente anticomunista, mas adorava ver o povo invadindo aqueles palácios maravilhosos... sempre sonhei em morar em um palácio.

BULUNGA – Mas isso é roubo!

EX-COMUNISTA - E o que você acha que os comunistas fazem? Eles não acreditam que com o trabalho duro poderão comprar as suas coisas. Eles não acreditam em talento, em esforço, em dedicação. Eles querem tomar o que é dos outros e pronto. É muito mais fácil. Só isso interessa a eles. Eles não querem empregos. Estão distribuídos pelos sindicatos e partidos políticos, sempre em reuniões que não acabam nunca, com suas pautas estúpidas, mas trabalho que é bom, nada. Eles sempre sonham em enriquecer com a política.

BULUNGA – Mas você pensava assim?

EX-COMUNISTA – Pensava. Eu não tinha perspectiva de vida. Eu era muito pobre e não acreditava que se trabalhasse poderia comprar o que quisesse, poderia estudar, sustentar uma família. Pensava que teria que conquistar as coisas na violência. E achava que os ricos eram os meus inimigos.

BULUNGA – Entendo isso, teve uma época que também pensei assim...

EX-COMUNISTA – Mas não me tornei rico. E também não preciso ficar cobiçando as coisas que são dos outros. Se quiser alguma mais, tenho que trabalhar pra isso, dobrar o esforço. Enquanto mais trabalhar, mais conquistas terei. No comunismo, não: independente de se forçar que nem um monstro, terá sempre o mínimo. Desse jeito, ninguém acaba se esforçando. Todo mundo fica preguiçoso.

BULUNGA – Você diria que o comunismo é o regime da preguiça?

EX-COMUNISTA – Esta é a melhor denominação. Perfeito!

BULUNGA – Mas muita gente afirma que o comunismo não existe mais.

EX-COMUNISTA – E estão certos: o que sempre existiu foi o SOCIALISMO. O comunismo seria a última etapa do socialismo, isso de acordo com aqueles dois idiotas, Marx e Engels, quando os meios de produção voltariam para as mãos dos trabalhado-

res. Só para fazer com que você entenda: entra o regime socialista, estatiza uma fábrica e coloca nessa fábrica um monte de trabalhadores. Depois de um tempo, esses trabalhadores se organizam e assumem o controle, tornando-se independentes do Estado. É uma utopia. Isso nunca acontece. Todo regime comunista elege um ditador que será o dono de tudo. E dividirá uma pequena parte das riquezas com a cúpula do seu partido. É sempre assim. Veja o exemplo da Rússia, da China, da Coreia, da Venezuela. Eles tem o seu ditador de preferência, enquanto o povo fica na miséria. E dá-lhe repressão, para que ninguém reclame. É escravidão pura!

BULUNGA – E hoje você se tornou um capitalista?

EX-COMUNISTA – Sou apenas um anticomunista. Eu seria um capitalista se tivesse grandes negócios, investisse em bolsa de valores, etc. Tenho apenas uma fábrica de fundo de quintal e uma lojinha que me proporciona o suficiente para ter uma vida digna. Mas se o socialismo (não mais o comunismo) entrar, vou perder tudo. Nesse regime, tudo pertence ao Estado. Até uma pequena lanchonete: você chega lá, pede um pão com mortadela e um suco, e o atendente, totalmente desestimulado, cochilando atrás do balcão, lhe diz: “não tem mortadela”. “Então me dá só o pão”, você diz. “Não tem pão”, o outro responde. “Então vai só o suco”, você ainda insiste. “Não tem mais fruta”, ele complementa. “Então quero só a água mesmo”, você diz, por fim. “A água acabou”, ele rebate. É assim que funciona em países socialistas.

BULUNGA – Você se imagina em um mundo comunista? Ou socialista, tanto faz...

EX-COMUNISTA – Estamos caminhando para isso. Depois da pandemia, o mundo praticamente quebrou. Poucos países, a exemplo do Brasil, estão resistindo. E o Brasil só não quebrou porque é o mais rico do mundo. Muito mais rico do que os EUA, os Emirados Árabes, o Japão, ou qualquer país da Europa. Nestas nossas terras jorra dinheiro. E todo mundo sabe disso. Corremos grande risco em sermos invadidos, de nos tornarmos escravos, para levarem tudo o que produzimos para fora. Por fim, quando acabarem com tudo, vão querer comer as nossas carnes. É o que pretendem os países socialistas que financiam esse movimento no Brasil.

BULUNGA – E como eles conseguirão isso?

EX-COMUNISTA – Fácil: corrompendo as autoridades. Já estão quase todos corrompidos, e olha que é com migalhas. Passagens aéreas, hospedagem em hotéis, almoços, jóias, carros, garotas e garotos e programa. O apelo é muito fácil. Às vezes você não acredita como determinada autoridade tomou uma decisão

absurda, mas a resposta é: “vantagens”. Enquanto isso, os manipuladores mundiais lucram trilhões de dólares.

BULUNGA – Você acha que o Brasil tem uma saída?

EX-COMUNISTA – Sim: pelo esgoto. Enquanto o povo não apertar a descarga para descer todos esses bandidos, a coisa não vai melhorar. É preciso acionar a descarga o mais rápido possível, pois a coisa está fedendo. Você vê essas autoridades arrogantes e abusivas, vomitando seu “vasto saber” baseadas em pura corrupção. Canalhas! Pau neles!

BULUNGA – Você é a favor da violência?

EX-COMUNISTA – Violência é o que esses bandidos estão fazendo com a gente. Milhões morrem nas filas dos hospitais e os motivos dessas mortes são, na grande maioria das vezes, relacionadas à falta de nutrição. As pessoas adoecem e morrem porque não comem direito. E quando não é isso, é por causa da violência causada pela desigualdade, o que leva as pessoas a apoiarem o tráfico de drogas, pois os bandidos tem regras rígidas, e acabam fingindo que protegem as suas comunidades, enquanto os burocratas constitucionais não fazem absolutamente nada pelo seu povo.

BULUNGA – Estou achando que você está voltando a ser anarquista...

EX-COMUNISTA – Jamais! Há de surgir um novo regime, uma nova filosofia, mas eu não estarei mais aqui.

BULUNGA – Vai deixar o país?

EX-COMUNISTA – Vou estar morto, bagual! Ou você acha que vou durar 200 anos?

BULUNGA – Não está sendo pessimista?

EX-COMUNISTA – Você acredita que a cultura do brasileiro, que quer levar vantagem em tudo, vai mudar em menos de 100 ou 200 anos? Espere sentado... Enquanto isso, a gente vai levando. Vamos tomar uma caninha ali na esquina?

BULUNGA – Um guaraná...

EX-COMUNISTA – Que sujeito afrescalhado, não pode beber uma cachacinha... Aposto que vai pedir uma rodela de laranja e um gelinho... É por isso que o povão acaba votando naquele pinguço que tem um dedo a menos na mão. Pensei que nesta Revista Bulunga tivesse cabra macho.

BULUNGA – Tem cabra muito macho nesta Revista, mas sem sermos machistas.

EX-COMUNISTA - Esse medo que os homens tem de serem machos é que está botando tudo a perder. Homem tem que ser macho, e mulher, fêmea. Ninguém tem que temer isso. Foi a natureza que nos fez assim. O galo canta no terreiro. É a função dele. Os alces dão chifradas uns nos outros. Os leões-marinhos dão e recebem dentadas até quase se matarem. Tudo para conquistarem as fêmeas.

BULUNGA - Concordo com isso: cada um com sua função biológica e social.

EX-COMUNISTA - Homem foi feito para ir à luta, botar comida na mesa, conquistar, guerrear, proteger a família. Mas hoje os homens estão afrescalhados, jogando videogame enquanto as mulheres se matam de trabalhar lá fora para sustentarem os seus bebezinhos marmanjos.

BULUNGA - Temos muitos exemplos assim.

EX-COMUNISTAS - São todos comunistas. Isso foi invenção de Marx e Engels. Foram eles que desvirtuaram tudo. Queriam um Estado mecanizado, como na linha de produção de Henry Ford, e as pessoas absolutamente ociosas. A questão da modernidade não deu certo, e ficou só o ócio. E assim os homens não querem assumir o papel de homens. Por isso fica esse povo do PT, Psol, da Rede, propondo projetos para facilitarem a mudança de sexo.

BULUNGA - Cuidado que falar mal desses caras, hoje em dia, dá prisão.

EX-COMUNISTA - Ah, vão se lascar! Nós temos que botar a boca no mundo. A coisa tá fora de controle. Os comunistas estão deixando os homens efeminados para poderem dominar o mundo com mais facilidade. Estamos com um exército de boiolas. E pare com esse negócio de tomar guaraná: é coisa e biba.

BULUNGA - Pelo que vejo, você é muito preconceituoso...

EX-COMUNISTA - Não tenho nada com isso se o cara quer andar de ré, mas na hora do combate tem que ser macho. Estamos numa guerra!

BULUNGA - Estamos numa guerra, mas os combatentes não podem ir para o front de cara cheia. Por isso não, bebo, que é para manter a lucidez, entendeu? Além do mais, de acordo com o ditado, "c% de bêbado não tem dono..."

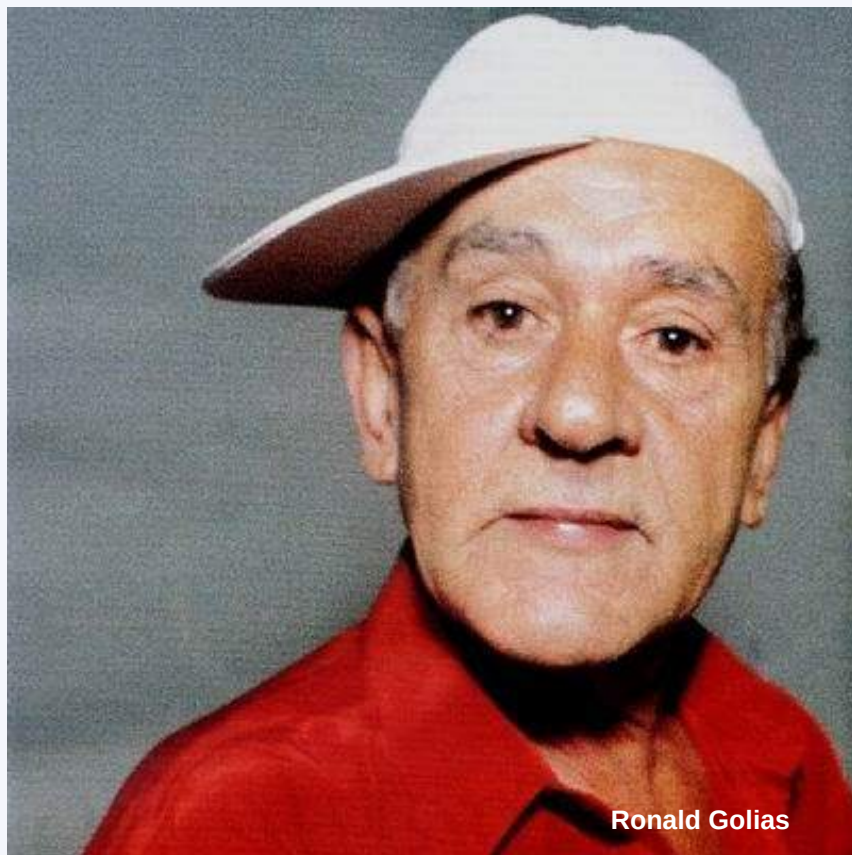
EX-COMUNISTA – Nossa, assim você me nocauteou. Tá bom: parei de beber. Juro! Depois dessa, nunca mais. Vamos lá que eu tomo um guaraná também. Mas nada de beijos na boca, tá ok?

RONALD GOLIAS

Ronald Golias era ele mesmo: não interpretava, não copiava, não imitava: apenas existia, de uma forma autêntica. Engraçado no jeito de falar, de andar, de fazer aquelas suas caretas, que na verdade eram tiques nervosos que o acompanhariam durante toda a carreira de sucesso na TV e no cinema. O personagem Bronco foi um dos mais famosos, mas também teve o Pacífico, o Profeta e o Professor Bartolomeu, e eram todos muito parecidos, a maioria deles interpretados em “A Praça da Alegria” e em “A Praça é Nossa”.

O personagem Bronco surgiu em “A Família Trapo”, exibido pela TV Record entre 1967 e 1971, que contava com os fantásticos comediantes Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Renato Corte-Real, Cynira Arruda, Cidinha Campos e o inesquecível Jô Soares.

Golias participou de diversos outros programas, passando pelas TV Paulista, Bandeirantes, Globo e SBT, mas foi em programas de rádio que começou, participando do programa “Calouros em Cena”, na Rádio Cultura, em São Paulo e, mais tarde, na Rádio Nacional, onde conheceu Manoel de Nóbrega, pai de Carlos Alberto de Nóbrega, que o convidou a participar do programa “A Pra-



Ronald Golias

ça é Nossa. Foi lá que criou o famoso bordão “Ô Cride, fala pra mãe...”, em homenagem ao seu anônimo amigo Euclides, e que até foi tema de música dos Titãs.

Golias preservou o seu humor inocente (ou quase) até o final, ao contrário de outros humoristas “naturalmente engraçados” que surgiram depois dele, como Tiririca, mas este acabou perdendo a graça, depois que se envolveu com a política.

E olha que Golias viveu em um tempo em que se descavam monstros do humor, como o já citado Jô Soares, Costinha, Lúcio Mauro, Jorge Loredó, Brandão Filho, Zilda Cardoso, Grande Otelo, Oscarito, Walder D’ávila, Chico Anysio, Zezé Macedo, José Vasconcellos, entre outros vários, que não sobraria espaço neste artigo para enumerar. E eles não concorriam uns com os outros, mas se ajudavam, se complementavam. Não havia esse ego que hoje toma conta de tudo, inclusive do humor.

Golias criou um estilo esquisito que nunca conseguiu ser imitado, com o seu jeito meio disperso, desconcentrado com suas interlocuções malucas, saltando de um assunto para outro com a maior desenvoltura, e as pessoas que conviveram com ele diziam que ele era meio doido mesmo, mas de uma generosidade e uma simplicidade impressionantes.

Não ganhou muito dinheiro, e a prova disso era o seu apartamento caracterizado por um minimalismo impressionante, pois não tinha móveis e vivia uma vida com a mais absoluta liberdade, sem incomodar nem prejudicar ninguém. Ele era verdadeiramente feliz.



A Família Trapo

COISAS DA INTERNET



Só agora que me lembrei que não sei nadar!



Socorro: eles estão filmando!



Não há nada melhor do que um forró



Depois dizem que hoje em dia as pessoas só pensam em sexo...



A situação está triste para todo mundo



Eu me identifico como um mico-leão-dourado, e daí?

A FALSIFICAÇÃO DO BEM



Guido Malaparte

Não tenho por hábito escrever sobre política; nem quero tê-lo. Não que haja algum problema, que o tema seja proibido ou irrelevante. Não é isso. É que não me considero capacitado para tal tarefa, a despeito de ter aprendido muito nos últimos anos sobre o assunto. Acontece de haver uma defasagem grande, e não sei se serei capaz de sincronizá-la com o tempo, interesses e aptidão a me dedicar outras áreas, e com a ignorância ainda persistente. Porém, não tenho dúvidas de ser um dos males do século passado, a se espalhar perigosamente no presente século, o marxismo. Eu mesmo me descobri marxista apenas após ser confrontado pelo pensamento de alguns irmãos e pensadores. A sociedade, de uma forma geral, sem saber, assim como eu não sabia, defende o que não conhece e vive o que considera extinto, com o agravante de realizar um culto necrófilo e se comunicar com os mortos.

Pois bem, assim como o fascismo/nazismo, a sua alma gêmea, o marxismo¹, escancara o ideário comum e a prova de que pertencem ao mesmo gênero ideológico. Como uma religião suprema, ele se vê como o absoluto, o arbitrário e todo-poderoso "deus", numa tentativa frustrada de substituir o Deus único e verdadeiro. De alguma forma, se definem como os salvadores do homem, no sentido de que o homem se perdeu na história, e de estarem capacitados a recriá-lo ao seu modo. Colocam-se como únicos hábeis a construir o homem ideal, restabelecer o homem primevo a partir da recriação da vontade sob a base ideológica estabelecida no cientificismo, mais notoriamente o darwinismo, partindo-se de um sentido evolutivo e purificador gnosticista.

Mais do que se pensa, há uma ligação intrínseca entre marxismo e fascismo/nazismo, de tal forma que Hitler capturou muitos dos métodos de Lênin e Stalin, aplicando-os em sua política genocida. Redefiniram a moral, dando-lhe uma roupagem que a distinguisse da ve-

lha moral bíblica, mas sempre a partir desta, como parasitas alimentando-se dela, produzindo, porém, um produto corrompido capaz de destruir a velha ordem e reestabelecer uma ordem nova. Para isso são necessários todos os meios capazes de se reconstruir o regime e o homem novos, mesmo com a desculpa de se destruir uma pseudo-raça ou pseudoclasse. Eles se tornam irrelevantes, sejam quais ou quantos forem, pois o objetivo, o que importa, é o fim a ser atingido, ou seja, a vitória da revolução. Os atos ruins e imorais que se praticam e cometem são transformados em bons numa insidiosa e progressiva inversão de valores, redefinindo o senso comum de moral. O significado é claro: a destruição de uma pseudo-raça poluída, impura (fascismo/nazismo), ou pseudoclasse contaminada pelo capitalismo (marxismo), é a mesma coisa em seus métodos e táticas, apenas os objetos são diferentes. E criar um ídolo a partir do homem, mas que estará sobre o mesmo homem, como um pacificador a cultivar a trégua a partir de uma guerra interminável.

Mas se há algo que os marxistas fizeram com maestria foi jogar para debaixo do tapete todos os seus crimes e táticas hediondas (Holodomor, Gulags, chacinas, perseguições, linchamentos, extermínios coletivos, etc) apelando para uma falsa moralidade que justificasse os meios utilizados tanto para se chegar ao poder e mantê-lo. O nazismo foi e é execrado publicamente como a mais odiosa manifestação totalitária, e o comunismo é esquecido em seus crimes igualmente odiosos e totalitários. Por que?

Enquanto ao nazismo se deu a valorização real de suas atividades, revelando-o em seu caráter mais cruel, sanguinário e injusto, ao comunismo se deu um caráter minimizador e reducionista; mas mais do que isso. No decorrer da história, seus crimes, o apelo à crueldade e injustiça máximas, foram tomados como modos legítimos de se "salvar" o homem, a partir da intervenção "milagrosa" do estado totalitário. E isso se deveu à distorção da moral, à corrupção do bem, que tornou possível as mentes contempladoras e cúmplices adotarem um discurso messiânico a partir da rebelião e sublevação da ordem moral. Aplica-se a "pedagogia da mentira", a qual, quando dita muitas vezes, acaba por se tornar em verdade. No comunismo, essas questões impõem-se mais sutilmente, em princípio, ao ponto em que partidos e movimentos marxistas não se apercebem da intoxicação absoluta da consciência moral pelo domínio ideológico completo. Está-se impossibilitado de discernir a corrupção que se processou, e passa-se uma vida inteira sem perceber isso. A prova maior é a de que não existem partidos nazistas no mundo (não com essa terminologia),

enquanto não somente há partidos marxistas como governos comunistas espalhados planeta afora. E como isso é possível, diante de todos os crimes, barbárie e destruição nos lugares onde o comunismo se estabeleceu?

O comunismo é dissimulado e muito mais perverso e perigoso do que o nazismo (ainda que o nazismo seja perigoso e perverso também), exatamente pelo seu caráter doutrinário "sutil", ao valer-se, e servir-se, do espírito de justiça e bondade para difundir e perpetrar o mal. Sem contar a sua maleabilidade, de se transmutar, de fantasiar-se e até mesmo apelar para a piedade, quando a finalidade é outra bem diferente. Cada experiência recomeça na inocência, como se não se estivesse a praticar atos imorais, criminosos, espúrios e destrutivos. É essa subversão que o torna tão maligno, ao sugerir que o homem continuará sendo bom mesmo praticando efetivamente o mal, tudo para se alcançar um bem comum, destruir o inimigo (e esse inimigo pode ser praticamente tudo, desde que se possa defini-lo como colaborador da classe capitalista; e, por isso, essa e outras definições estão sempre em reconstrução, ganhando novos ares e contornos ao bel-prazer do discurso marxista de perverter a verdade transformando-a em a mentira, mas afirmando sua veracidade). Enquanto o nazismo pede, diretamente, que o homem atue conscientemente como um criminoso, de maneira direta, sem floreios. Não lhe é sugerido nada mais além disso. Que ele destrua o inimigo, ao qual ele de antemão já sabe quem é.

A reeducação comunista, na verdade, faz o homem acreditar que o mal é bom, escondida atrás da moral comum, travestindo-se dela, com o intento de pervertê-la, transtornando a realidade e a moral; almejando sobreviver em um nível "superior" de imoralidade.

Essas ideologias, em seus cernes, estão sempre a construir o homem, tornando-o em besta, fazendo-o crer ser um anjo enquanto age como demônio. Por isso não há possibilidades de arrependimento no comunismo, especificamente, pois não há do que se arrepender (em contrapartida, o âmago do Cristianismo é exatamente o arrependimento). A mente está condicionada e domesticada a tratar dos assuntos sempre pelo crivo da nova moral marxista (ou imoralidade), e, para tanto, não existem contingências que possam julgar e condenar os fins quando obtidos. Eles estão sempre justificando os seus erros com a idéia de que é para o bem de todos, quando, nem todos, ou melhor, a maioria é privada desse bem, seja com suas vidas, consciência, fé; e para isso, o indivíduo não somente tem de ser adestrado mas recriado, para que o coletivo se purifique. É engraçado como uma ideologia que oprime de todas as formas o homem possa apelar para o senso de liberdade ao fazê-lo. E o pior ainda é que muitos acreditam ser isso possível...tsk, tsk.

A busca incessante dos fins, sempre "justificáveis", nunca levará o homem a obtê-los, mas a uma guerra persistente e interminável de, delirantemente, querer atingi-lo. Mesmo com todas as evidências contrárias, revelando exatamente o oposto do que o discurso dialético apregoa, o marxista sempre estará disposto a tornar o doce em amargo e o amargo em doce, o bem em mal e o mal em bem. E o novo homem apenas é uma deformação ainda maior da velha e naturalmente corrompida humanidade, fruto da Queda, no Éden.

Outro ponto que me chama a atenção é a questão da memória, a qual já falei. Mas a capacidade de se lembrar das atrocidades nazistas não tem o mesmo lugar e intensidade quando se trata de lembrar das atrocidades marxistas. Parece que àqueles o perdão é impossível mesmo diante do arrependimento, enquanto a estes tudo é permitido, e não se é requerido o arrependimento e, portanto, o perdão é compulsório e subliminar, quando não é ofensivo (ofensivo por sugerir o delito ou crime de alguém que não se considera criminoso, logo, por que o perdão? Se não precisa ser perdoado?).

O mundo parece estar sempre disposto a execrar o nazismo (no que está certo), mas, incoerentemente, é contemplativo e temporizador com os "feitos" marxistas, sendo capaz de até mesmo louvá-los.

O mais impressionante é o marxismo ter as suas origens no cristianismo (uma espécie de anticristianismo), o qual, servindo às mentiras de seu "mestre", o diabo, incorporou à retórica elementos nitidamente cristãos, tais como a solidariedade, a piedade, o amor ao próximo, a justiça, etc., para abandoná-los tão logo assume-se o poder; o que acentua o caráter incoerente e contraditório de cristãos a dizerem-se também marxistas. Na verdade, eles estão prontos e de prontidão para defender a ideologia, e nem tanto para defender a doutrina bíblica, e em sua incoerência, esquecem-se dos milhões de cristãos mortos, presos e marginalizados pelos regimes comunistas em toda a história e ainda hoje, simplesmente porque é intolerável ao Estado crer e adorar a Deus, ao invés do ídolo, o próprio Estado, que deseja se apossar do trono que não lhe pertence, nem pertencerá.

Por isso, em matéria de Cristianismo, os chamados cristãos-marxistas não entendem nada do Evangelho, desconhecendo o seu real significado e objetivo que é não tornar o homem perfeito na terra, nem criar o homem ideal; aos cristãos cabe-lhes exatamente aquilo para o qual foram chamados, serem imitadores de Cristo. Onde é possível defender uma ideologia que, em sua história, massacrou e ainda massacra milhões de irmãos? Punidos apenas por amarem o Senhor de suas vidas? Apenas por professarem a fé indestrutível? Apenas por não se sujeitarem a "rezar" na cartilha esquerdista? E não adorarem o deus-estado como senhor? E não crerem num falso-salvador? Somente neste mundo caído, e

miserável, e cego, e nu, no qual vivemos, em que vale mais dizer o que se quer ser, como uma possibilidade ainda que irreal, do que viver o que se diz ser.

Não acredito na redenção do homem pelo homem ou por qualquer sistema ideológico. O homem somente será redimido pelo Evangelho de Cristo, pela regeneração que o Espírito Santo operará nele através da Palavra. E o que muitos cristãos esperam é que o Estado faça esse trabalho, e o homem seja perfeito dentro de um quadro de impiedade e imoralidade, como se a natureza humana fosse capaz de produzir algum fruto além do pecado (com isso, não estou a dizer não haver atitudes boas em não-crentes, mas apenas elas são possíveis por causa da imagem divina contida neles). E esperam glorificar a Deus com isso, com seus trapos de imundície, com uma justiça pessoal, a partir de suas obras, e não com a justiça perfeita e santa de Cristo...

Não acredito no paraíso na Terra, porém, o que os marxistas almejam é recriar um novo Éden, um céu bizarro onde a injustiça, o antiético e o imoral prevaleçam sobre toda a justiça, a ética e moral. Então, eles se utilizam da liberdade, da democracia, das instituições legitimamente estabelecidas para, quando chegarem ao poder, abolir exatamente a liberdade, implantar a tirania e a ditadura, e destruir as mesmas instituições pelas quais foi-lhes possível o acesso ao poder. E os cristãos, aqueles que foram regenerados por Cristo, são os primeiros da lista. E nem é preciso esperar para ver; basta uma rápida pesquisada na história e nos noticiários que nos chegam através de grupos missionários como o "A Voz dos Mártires"² e "Portas Abertas"³ para se descobrir que os crentes são cada vez mais tratados

como inimigos pelos Estados Totalitários, mundo afora. E inimigos, devem ser destruídos, segundo idealizam e perpetram.

Mas graças a Deus, pois o nosso reino não é daqui; contudo, no reino de justiça do Senhor, aqueles que consentiram com o mal serão responsabilizados, mesmo pelo mal que não fizeram, mas por não combatê-lo; e outros, ainda mais, por se aliarem a ele.

Notas:

1- Sim, ambos saíram da mesma matriz: o autoritarismo e a "onipresença" estatal. Muitos aspectos são similares, apenas se trocou o objeto de culto. Enquanto para os marxistas a idolatria é às "classes trabalhadoras", no fascismo/nazismo é à "nação" ou nacionalismo.

2- Site: vozdosmartires.com

3- Site: portasabertas.org.br

4- Escrevi este texto motivado por uma conversa com um querido irmão e que é marxista (ainda que ele não se reconheça como tal). Em nossa conversa, ele disse que a política acabava se reduzindo à escolha entre um candidato e outro, e que devíamos pensar mais ampliadamente. Por isso decidi expor, ainda que desordenadamente e sem a capacidade necessária, o por quê, no fim-das-contas, temos responsabilidade no que pensamos e dizemos, mas sobretudo no que fazemos. E como fazemos. Ou como deixamos de fazer. 53-Outro ponto que sempre me chama a atenção quando vou discutir política com crentes é que o Cristianismo pode e deve estar presente em todas as áreas da vida, mas nunca na política. Dizem que a Bíblia não trata de política (no que estão certos), logo o crente está proibido de exercê-la em qualquer nível. Mas o Senhor nos ordenou a ser luz em todos os lugares, e não está reservado um lugar intocável para as trevas, no caso, a política (ainda que as considere as trevas das trevas). Elas devem ser dissipadas, jamais preservadas; de outra forma, como a verdade alcançará a mentira a fim de destruí-la? Entretanto, não nutro qualquer esperança nas decisões das urnas ou mesmo nas conversas partidárias, pois, especialmente no Brasil, são menos sérias e mais afetadas que discussões clubísticas, sobre futebol.



SPOILERS

O MISTÉRIO DO FAROL

Todos sabem que nesta coluna costumamos dar um spoiler de filmes ruins, mas desta vez vamos falar de um filme bom, ou quase bom, que poderia ser ótimo, não fosse uma falha grave que aconteceu quase no final.

Está disponível na NETFLIX o thriller “O Mistério do Farol”, dirigido pelo dinamarquês Kristoffer Nyholm e estrelado pelo conhecido ator Gerard Butler. Baseado em fatos reais, fala sobre o desaparecimento de três operadores de um Farol, no ano de 1894, nas ilhas Flannan, na costa noroeste da Escócia.

Mas de real a história não tem nada, porque, na realidade, os três nunca foram encontrados e tudo o que está no roteiro são apenas suposições, uma livre criação dos roteiristas, o que, contudo, não desmerece a produção. Um filme que poderia ser absolutamente enfadonho, considerando que teria como narrativa a rotina de três homens durante seis semanas em uma ilha, a fim de operarem um farol, mas em determinados momentos a tensão criada chega a incomodar, principalmente após a chegada de dois criminosos, que vieram resgatar um companheiro que teria naufragado com um baú cheio de barras de ouro.

Donald, o mais moço dos três, havia descoberto em, um desfiladeiro, um corpo ao lado de um barco, e então desce até lá para verificar, quando é atacado pelo cara que achava que estava morto, e que tenta matá-lo, mas o primeiro consegue eliminá-lo definitivamente, com uma pedrada na cabeça. No barco havia um grande baú, e resolvem içá-lo para verem o que tinha dentro. É claro que eram barras de ouro.

A princípio, o chefe, Thomas, interpretado por Peter Mullan, não quer aceitar a ideia de ficar com o ouro, mas os outros acabam por convencê-lo, quando ele



tenta estabelecer condições para que no continente não descubram o inexplicável enriquecimento dos três.

As atuações são excelentes. Os personagens vividos pelo dinamarquês Soren Malling e pelo Islandês-americano Ólafur Darri Ólafsson, como os invasores, chegam a dar medo. De verdade.

Os dois bandidos começam a torturar os operadores para que confessem onde teriam escondido o ouro, mas eles conseguem reagir e matá-los. Contudo, percebem que alguém teria visto toda a cena de uma das janelas, e assim correm na escuridão atrás da criatura, até que James consegue abatê-lo com uma espécie de foice, e quando vai ver, é o seu filho Charlie, que estava ali há dias, não se sabe como, o que não é explicado. Logicamente, James entra num processo de enlouquecimento e acaba matando o companheiro Donald, e por fim se mata, pedindo para o chefe Thomas afogá-lo.

O que compromete a história é a presença desse menino, Charlie. Considerando que a ilha é um ovo, e que os três desembarcaram em um navio que não ficou no local, seria impossível que a presença desse menino passasse despercebida. Mas foi o recurso que

os roteiristas encontraram para justificar o enlouquecimento do personagem James Ducat

Isso nos obriga a voltar o filme uma ou duas vezes, para ver se perdemos alguma parte em que seria explicada a presença do menino, mas não, não há nada que justifique, e chega a nos deixar bem nervosos.

As interpretações dos personagens principais vividos por Butler, Mullan e Swindells merecem aplausos. Dos outros, já falei: excelentes. Poderia ser um filme perfeito. Só que não.



Theodore Dalrymple: A FRIVOLIDADE DO MAL

Jorge Fernandes Isah



Comecei a leitura do novo livro de Dalrymple¹, publicado no Brasil, e, ao que tudo indica, é outra bordada na sociedade pós-moderna e francamente decadente do libertarianismo e relativismo.

Já no primeiro ensaio, cujo título é "A frivolidade do mal", o autor, com sua costumeira clareza, precisão, e acuidade da realidade, desenrola o novelo que levou a Grã-Bretanha à indigência moral, ética, e ao consequente aumento da criminalidade, da irresponsabilidade, e dos "prazeres" desregrados, sob os auspícios do Estado (o grande pai ou mãe, como queiram), causando o colapso social e o rebaixamento do homem aos níveis mais abissais de infelicidade e delírio, culminando com lares desfeitos, casamentos múltiplos, filhos abandonados, mulheres espancadas, roubos, furtos, assassinatos, drogas, insegurança, e um sem número de tragédias e enfermidades dentro de casa, mas estendidas para as ruas, escolas, e praticamente todos os locais públicos. Todos se tornam reféns do mal, e a solução apontada estaria na volta aos valores tradicionais (leia-se tradição judaico/cristã). Sem eles, a baderna e o caos apenas se perpetuarão, atingindo níveis inimagináveis e insustentáveis ao convívio social.

A conclusão, não de Dalrymple mas minha, é de que esse ambiente é altamente favorável para a instalação de ditadura ou o totalitarismo de esquerda (comunismo). Pode ser que demore alguns anos ou décadas, mas não vejo outra "saída" diante do enfraquecimento cada vez maior do homem e seu declínio vertiginoso à imoralidade (o caos apenas hiperboliza essa mistura destrutiva).

A Bíblia ressalta uma doutrina verdadeira mas negligenciada e rejeitada pela maioria dos intelectuais, inclusive cristãos: a Depravação Total do Homem. E o que seria esse estado de coisas, presente não somente na atual Grã-Bretanha, mas em toda a Europa, EUA, e América Latina, que não seja algo inerente ao próprio homem, perdido em um mundo sem freios morais, e estimulado insistentemente pela "liberdade" humana de se autodestruir?

E qual seria o antídoto para isto? Não restam dúvidas de que a observância, pelo indivíduo, dos princípios norteadores da fé cristã são capazes de trazer o homem à naturalidade (entendida não como uma volta ao Éden pré-Queda, mas a um mundo menos caótico e, até mesmo, perfeito dentro de uma perspectiva humana verdadeira, em um estado de pós-Queda), ao invés da artificialidade defendida pela ideologia e por uma falsa igualdade e justiça apregoada pelo iluminismo e da qual não conseguimos nos desvencilhar, mesmo séculos depois, revelando a própria essência do pecado e do mal

em nossa insistência em não abandoná-la. É evidente o homem ser multifacetado, coexistindo em sua natureza o "Imago Dei" (a imagem de Deus, ainda que difusa e debilitada pelo pecado) e a inserção do mal como um componente catalisador do pensamento, ações e desejos do homem natural, pós-Queda. Mas se há algo descortinado é a predisposição e o amor ao mal, e sua aceitação quase "pacífica" pela sociedade moderna, como um reflexo da própria desordem interna provocada pela negação de Deus e sua palavra como ordenadores e pacificadores verdadeiros da convulsão ocasionada pelo pecado. É como se pudéssemos traçar uma reta onde, nas extremidades, teríamos a obediência ao Evangelho, de um lado, e a desobediência a ele, do outro. À medida em que o homem aproxima-se da primeira, os efeitos do mal são minimizados, enquanto ao dirigir-se para a segunda, os seus efeitos são maximizados. Se de um lado temos o caminhar para ordem, a realidade e a verdade, do outro lado caminha-se para o caos, a ilusão e a mentira.

A rejeição dos fundamentos da fé cristã pelo Ocidente, tornando-o em um mundo pós-cristão, está sintetizada na incompreensão do bem e do mal, confundindo-os de maneira tal que um assume o lugar do outro na mente perturbada e doentia, consequência de um pensamento escravizado pela ideologia, onde os valores morais, tão caros à vida humana, são substituídos e aniquilados em favor de uma imoralidade e perversão práticas, atenuadas pela retórica falaciosa e psicótica de defesa da liberdade, dos direitos, da igualdade e da justiça, quando elas estão em constante ataque pelas ações revolucionárias, pelas rebeliões a suscitarem no homem apenas o ódio, a inveja, a cobiça, o despudor, fazendo-o declaradamente inimigo de Deus, ainda que ele se declare inocente. Como o profeta disse, sabiamente: "Aí dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem das trevas luz, e da luz trevas; e fazem do amargo doce, e do doce amargo" (Isaías 5.20).

Mas nem mesmo a ideia de um mundo guiado pelos princípios cristãos pode erradicar o mal, pois o próprio fato da existência da Lei Divina, como um antídoto, pressupõe a existência do veneno, o pecado. Ter-se-ia um mundo muito melhor, como disse, perfeito dentro da própria composição humana pós-Queda, mas ainda assim distante da perfeição absoluta, um engenho somente possível por aquele que é perfeito, eterna e essencialmente: Deus; revelando-nos que o único governo capaz de atingir a expectativa de uma verdadeira paz é aquele a instalar-se após a Segunda Vinda do Senhor ou parousia.

E essa é a "solução final", o Reino de Cristo, um reino onde os seus servos, aqueles eleitos antes da fundação do mundo, gozarão de paz, verdade, realidade e amor, posto não haver nada a contaminá-lo levando-o à disputa, à mentira, à utopia e ódio, já que o pecado não exercerá mais influência sobre ele, nem a morte, nem o medo, ou a dúvida, havendo apenas a certeza de que o bem triunfou definitiva, eterna, e exequivelmente.

Porém, voltando ao presente, enquanto a verdade for tratada como algo relativo e não absoluto, e a verdade substituída pelo idealismo mentiroso de um mundo e futuro possíveis pelas mãos e méritos humanos, as soluções aparentes somente serão paliativas, se muito, mas um estímulo poderoso a aumentar ainda mais a degradação e os efeitos maléficos dos dispares ideológicos.

Abaixo, transcreverei dois trechos do primeiro ensaio, uma pequena amostra do que virá nas próximas páginas. E é importante reconhecer o mérito do autor que, mesmo diante da linearidade quase absoluta do pensamento ocidental, em face da padronização e encaixamento promovido pela esquerda, e por que não também por boa parte da direita, a compreensão da realidade, tal como ela é (sem subterfúgio, maquiagem e homocromia) torna-o quase uma gota de água em meio ao deserto.

"Existe uma aliança ímpia entre a esquerda, que acredita que o homem é dotado de direitos sem deveres, e os libertários da direita, os quais acreditam que a escolha do consumidor é a resposta para todas as questões - uma ideia avidamente adotada pela esquerda, sobretudo naqueles setores nos quais não se aplica. Dessa forma, as pessoas se veem no direito de gerar crianças da forma como bem entenderem, e as crianças, certamente, têm o direito de não serem privadas de nada, ao menos nada no plano material. Já que homens e mulheres se associam e têm filhos, a criação desses últimos torna-se apenas uma questão de direito do consumidor, sem quaisquer grandes implicações morais, semelhante ao ato de

escolher entre chocolate branco ou preto, e o Estado não pode discriminar entre formas distintas de associação e da criação dos menores, mesmo quando essa não discriminação é capaz de gerar o mesmo "O pecado original - isso quer dizer, o pecado de ter nascido com a inclinação ao mal, típica da natureza humana - sempre zombará das tentativas de se atingir a perfeição com base na manipulação do meio social. A prevenção ao mal sempre requererá muito mais do que arranjos sociais; exigirá, para sempre, o autocontrole pessoal e uma limitação consciente dos desejos" (pg. 61).

O que Dalrymple percebeu é a impossibilidade do homem de se autocontrolar, limitando os seus desejos, sem haver absolutos morais, éticos e religiosos. Sem os parâmetros divinos, os quais o homem moderno insistentemente nega, a própria existência de autocontrole não tem sentido, nem pode ser buscada efetivamente. Tendo-se, em contrapartida, a concorrência do desregramento, dos desejos incontrolláveis e da permissividade como regra de vida e convivência social.

E assim, em doses homeopáticas, o homem administra-se a si mesmo o veneno da frivolidade do mal.

Notas: 1 - O livro em questão chama-se "Nossa Cultura... Ou o que restou dela", publicado pela Editora É Realizações.

2 - Estas são impressões que podem ser aprofundadas no futuro; por isso, se pareceram demasiadamente ingênuas ou reducionistas, resta ao leitor aprofundar-se no tema e fazê-lo por si mesmo. efeito que produziu a neutralidade anglo-francesa durante a Guerra Civil Espanhola".

Faço uma ressalva: penso que o autor ao definir "libertários de direita", quis referir-se àqueles homens cujo pensamento econômico está à direita, o chamado liberalismo econômico, não se podendo, contudo, confundir direita com conservadorismo. O conservadorismo, ao qual o autor está incluído, vai muito além das posições apenas no campo econômico, pois ela trata também da tradição, ordem social, moral, ética, direitos e deveres, religiosidade, etc. Um libertário jamais é e será um conservador pois, para ele, como bem afirmou Dalrymple, tudo se resume à questão econômica e, por isso, no ponto de vista moral, ético e das tradições, eles apenas sejam um pouco mais "radicais e revolucionários" do que os marxistas ou esquerdistas. A meu ver, libertários são os marxistas que se recusam a serem chamados de tais. E para tornarem-se verdadeiramente conservadores precisam abandonar o libertarianismo, o relativismo moral, o materialismo e o ceticismo.

LIBERTE SEU TALENTO

no Núcleo de Estudos Teatrais

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site "www.teatrodonet.com.br", ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

SAINT LAURENT

by Michel Salomão

Neste último feriado eu estava em São Lourenço, em Minas Gerais (já falei sobre essa cidade em edições anteriores), parado em frente a um hotel e vários ônibus de turismo chegando e descarregando velhos na cidade. Para os que ainda não conhecem, São Lourenço, ou Saint Laurent, para os mais esnobes, é o paraíso dos velhos, que vão lá em excursão nesses ônibus enormes, alguns de dois andares, para que os idosos bebam as suas águas minerais que, dizem, curam todos os tipos de doenças e até rejuvenescem.

O problema é que, quando a pessoa já está na “capa”, não dá mais para fazer muita coisa, e assim pode beber o quanto puder daquelas águas que não vai adiantar. O máximo que pode acontecer é morrer afogado.



Muitas velhas já vem com suas fraldas, para precisarem ir ao banheiro toda hora, ou atrasariam o passeio. A gente não vê muitos homens velhos, pois a maioria morre antes de se aposentar. Os que sobram estão um caco, se apoiando precariamente em seus andadores ou bengalas. Nos bailes dançantes, que acontecem em determinadas épocas do ano, as velhinhas ficam dançando umas com as outras, não porque sejam sapatões, mas porque os seus velhos já morreram. E os que não morreram, ficam sentados pelos cantos e não conseguem dançar.

Tem muita gente que acredita que aquelas águas vão resolver os problemas dos excessos cometidos durante toda uma vida, e assim formam-se filas enormes, com a velharada carregando suas canecas. Eu estou chegando perto dos 60 anos, mas ainda não me sinto velho. Ou quase: apenas umas dores nas juntas que acredito que poderiam ser resolvidas com exercício físico. Mas sou muito preguiçoso para isso.



Certa vez iniciei os trabalhos em uma academia, mas do segundo dia em diante paguei um personal para fazer os exercícios no meu lugar. Dar voltas ao redor da lagoa, só de carro: nem de bicicleta animo. Pelo visto, deverei juntar-me àqueles velhos sentados pelos cantos nos bailes. Mas preciso tomar aquelas águas, ou morrerei antes disso.

Mas São Lourenço é uma boa cidade para se visitar. Tanto é que está sempre cheia, e o comércio, bares e restaurantes funcionam a todo vapor, com gente vinda principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, pois fica perto da divisa dos dois Estados.

Tem bons hotéis e, principalmente, o Parque das Águas, lugar tranquilo para se passar uma manhã ou uma tarde. O preço da entrada é salgado, quase uma afronta aos visitantes (R\$24,00 com direito a um retorno no dia), mas os moradores pagam menos.

Mas o que menos preocupa quem vai a São Lourenço é dinheiro: gente que trabalhou a vida toda e que agora só quer o sossego de andar pelas ruas da cidade, parando de loja em loja para verem as novidades, sem ter pressa para voltar ao hotel.

Devido à proximidade com São Paulo, os preços dos produtos das lojas são bem melhores do que os vendidos em Belo Horizonte, e o melhor é que a marginalidade do Rio de Janeiro ainda não descobriu (deve estar estudando) o lugar, e assim ainda dá para andar relativamente tranquilo sem a excessiva preocupação de ser assaltado a todo instante, com direito a usar umas discretas correntinhas e pulseiras de ouro.

Enfim, um lugar legal para a 3ª idade se divertir.



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Alguém disse que sou um clone do Elvis. Fingi que não entendi e larguei o cara para lá. Depois, outro falou que eu imitava o Michel Jackson. Achei um exagero, pois apesar de ser caucasiano, o Michel era muito branco do que eu. Então, uma namorada afirmou que eu parecia o Stallone, musculoso, sem expressão, e quase tão parvo quanto ele. Entendi quase tudo, menos a parte do parvo. Era um tipo de molho italiano ou um peixe nordestino?

Minha mãe jurava que eu era a cara do Clark Gable, enquanto uma tia, irmã da minha mãe, dizia para ela: não, não é não! Ele se parece muito mais com o Sidney Poitier. Não conhecia também um ou outro, não acompanho as novidades e tenho uma memória nada confiável, então, depois de uma rápida pesquisa, não havia nada neles de mim; notei, contudo, uma homogenia com o Richard Gere.

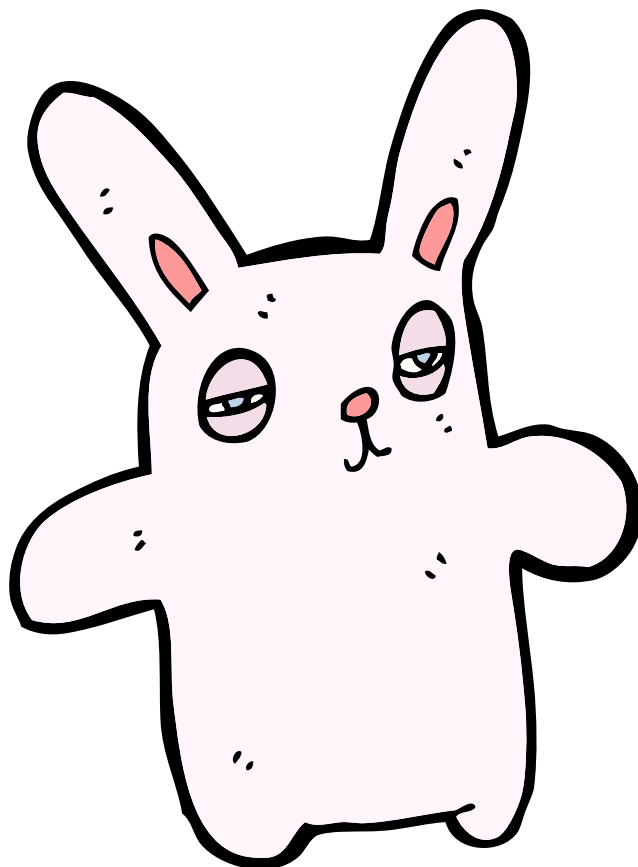
Lembro-me, quando criança, de imitar os trejeitos e cacoetes do Jerry Lewis, o andar esquisito, caretas ridículas e cômicas, mais a assustar do que a divertir os colegas. Aprendi a dar lençóis, carretilhas e fazer gols de cobertura como o Reinaldo, lançamentos iguais aos do Platini, e passes e chutes milimetricamente perfeitos ao Del Piero. Antes, imitei desavergonhadamente o personagem John Boy, do Richard Thomas, e quase me vi escrevendo como ele. Fui o garotão namorador de Beverly Hills, em Barrados no Baile, o marido fiel e dedicado de Mad About You, e o sujeito enigmático de Dexter.



Peguei as manias de Adrian Monk e as sutilezas de Columbo, sem falar na rabugice do detetive Sipowicz. Nos momentos de folga, tinha o charme do Bob Simone e a destemida elegância do Clint Eastwood. Não me lembro se já fui eu mesmo alguma vez. Minha esposa diz que sou um homem diferente a cada seis meses, meio camaleão, e reputa o sucesso do nosso casamento a estas múltiplas identidades, sem as quais a nossa união estaria rompida havia tempos. Era bem possível alguém acusá-la de poligamia, e isso a fazia rir até perder o fôlego. Por hora, não sabe como me chamar, pois sempre que pergunta em quem vou votar, digo que sou isento, imparcial, e não estou nem de um lado nem do outro, mas, ato contínuo, acabo por fazer com o dedo indicador e o polegar um "L". Porém, ao ver as lives do Capitão, fico de prontidão, bato continência, ponho a mão direita no peito e canto o Hino Nacional. Ela garante, se as eleições fossem por múltipla escolha, eu marcaria todas as opções anteriores, sem medo.



TÁ LIBERADO



-Papai! Papai! - o menino entra correndo pela casa - Hoje roubei o lanche do meu coleguinha! O pai suspende o menino pelas axilas.

-Você é o orgulho do papai! Se continuar desse jeito, vai acabar se tornando o Presidente do Brasil!

-Papai, o meu professora falou que...

-O "meu" professor, você quis dizer - corrige o pai.

-Não: é o meu professora mesmo. Ele disse que agora se identifica como mulher e passou a usar uns vestidos coloridos.

-Isto é ótimo! Temos que apoiar a liberdade de gênero.

-O meu professora falou que o Capeta é que governa o país.

-É isso mesmo, meu filho. É por isso que a gente só veste roupas vermelhas. Depois que tomamos o poder, ficamos finalmente livres para fazermos o que quisermos. E por falar nisso, vou fumar um beck: quer uma ponta?



Jorge F. Isah

Este foi o primeiro livro de Luís Ruffato que li. Se considerar que “Eram muitos Cavalos” passou por duas tentativas, mas foi impossível concluí-la, “Flores Artificiais” é o meu livro de estreia no universo “Ruffatoniano”. Aquele era um livro por demais experimental, na pior concepção do termo (travado, caótico, impermeável), e que não consegui prosseguir. Ainda penso em uma terceira investida, mas não sei quando se dará ou se dar-se-á.

Em “Flores Artificiais”, o texto flui, porque existe uma história, ainda que a narrativa não seja convencional. Nada de novo debaixo do céu, mas sem invencionices estilísticas e herméticas que mais afastam do que aproximam o leitor, existe uma sobreposição de relatos. Alguém pode considerar que a minha experiência é a de um leitor comum, mas comum ou incomum (não sei a que os termos se referem), certos livros são chatos, demasiadamente chatos, pretensiosos, e não contam uma boa história, se é que contam.

Ruffato parece se preocupar com a linguagem e o estilo mais do que a narrativa, ao menos foi uma das primeiras impressões que tive com essas duas obras. Não há nada de mal, mas muitas vezes compromete o relato. Ainda sou daqueles que apreciam uma boa história e bem contada, aos moldes de Dickens, Machado, Dostoiévski, Faulkner e Mann, para citar alguns. Quando o estilo ou a forma prevalecem sobre o relato, é sinal de uma história ruim embalada em uma prosápia.

O livro é basicamente composto de histórias dentro de uma história. O personagem principal, Dório, é um funcionário do Banco Mundial, sem residência fixa, um “homem do mundo”, sem identidade, sem pátria, sem um porto seguro. Vive de trabalhar em vários continentes (nunca sabemos ao certo o que faz), e acaba por descrever a vida das figuras que o cercam. Seria um “voyeur”, a viver a vida através das vidas alheias. Ao menos, quanto ao objetivo de narrá-las, ou um “resumo” de vida.

Tudo começou quando, por conselho da sua psiquiatra, decidiu escrever suas “memórias”, a fim de colaborar no tratamento da solidão ou isolamento. Na meia-idade, solteiro, sem amigos ou parentes, encontrava-se em estado de letargia; então a resolução em compilar muitas das histórias que presenciou, e faziam parte da sua própria história. Por isso, disse, que este era um livro de histórias dentro da história. Na verdade, pouco se sabe sobre o personagem em si, porque a narrativa se atém mais ao que ele vê, e interage, do que propriamente seus sentimentos e pensamentos.

Com o material em mãos, envia-o ao autor (Ruffato?) para aprimorar e dá-lhes um toque final, romanesco; ciente da incompetência em escrevê-las, do ponto de vista literário. Prova é que, na introdução, o autor diz não ter aproveitado nem metade do material enviado.

Não o classificaria como um romance, ainda que o façam. Se aproximaria mais de um livro de contos, já que as narrativas não têm conexão, a não ser na figura do intérprete ou narrador.

Quanto a Dório, ainda que o autor tente convencer o leitor da sua existência, como um personagem real e não fictício, não há como não entender a sua presença longe do escopo virtual. Dório é criação de Ruffato, fruto da sua imaginação, ainda que jure não ser.

E o livro, como ficção, é bom, mas nada além do comum, porque Ruffato quer comunicar o comum, a vida comum, pessoas comuns, mesmo com algum malabarismo estilístico e formal. E consegue as vezes manter o equilíbrio entre elas. Criando um jardim quase real de flores artificiais.

Avaliação: (***)

Título: Flores Artificiais

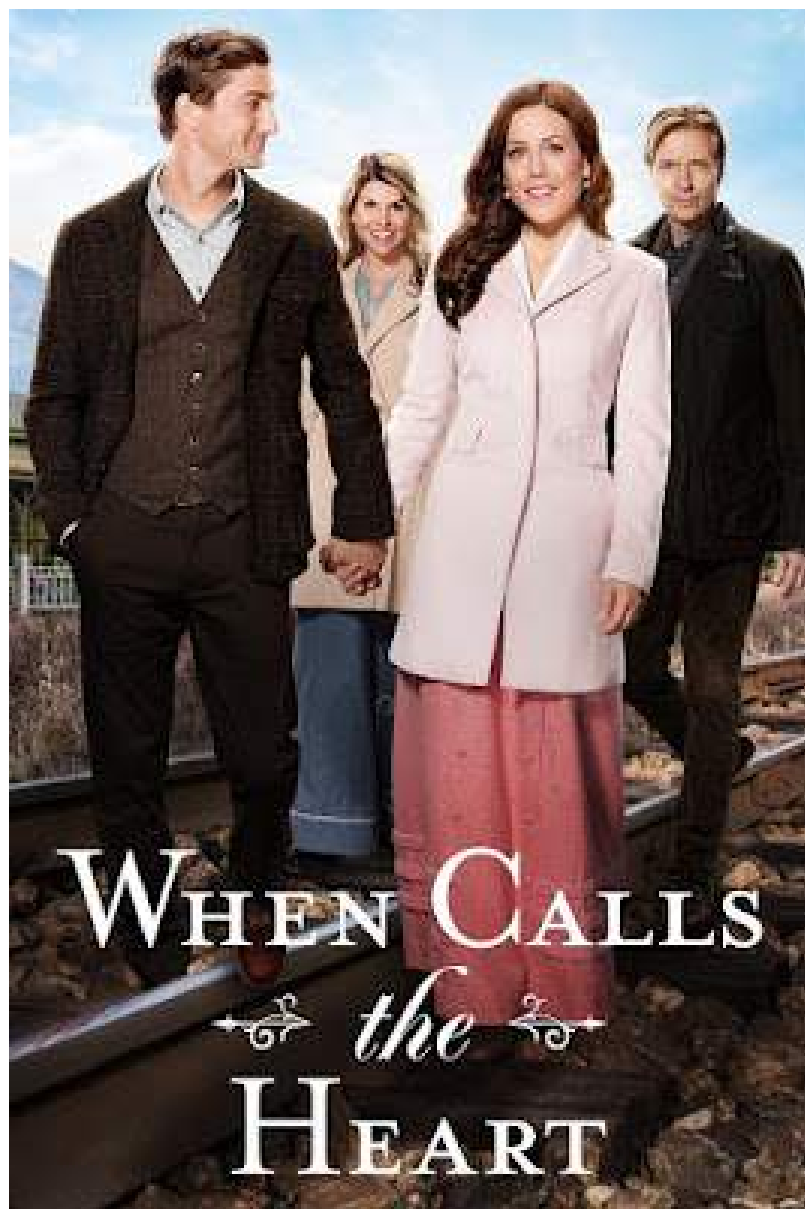
Autor: Luiz Ruffato

Editora: Cia das Letras

No. Páginas: 152

Sinopse:

“O escritor Luiz Ruffato recebe em sua casa a correspondência de um desconhecido. Trata-se de um manuscrito, uma compilação de memórias que Dório Finetto, funcionário graduado do Banco Mundial, redigiu a partir de suas muitas viagens de trabalho. Como consultor de projetos na área de infraestrutura, Finetto percorreu meio mundo numa sucessão de simpósios, reuniões e congressos. A mente de engenheiro, no entanto, esconde um observador arguto e sensível, uma dessas pessoas capazes de se misturar com naturalidade num grupo de desconhecidos. De Beirute a Havana, passando por Hamburgo, Timor Leste, Buenos Aires e incontáveis lugares mundo afora, Finetto colecionou grandes histórias e pequenos acontecimentos.”



Há algumas semanas, descobri "When Calls the Heart" no Netflix, quase por acaso. Como não assisto TV aberta há uma década, mais ou menos, e a TV a cabo tem-se tornado insistentemente repetitiva e banal, vou direto à plataforma de Streaming em busca de alguma diversão, diga-se, nem tão frequente assim. Então, meio que "tropecei" na série.

Em princípio, ela me lembrou, já nos créditos iniciais, "Os Pioneiros", porque o produtor, idealizador e diretor é o filho do Michael Landon (O "Little Joe", de Bonanza; e idealizador, produtor, diretor e ator principal de Os Pioneiros), além de uma série dos anos 1970 que marcou a minha adolescência, "Os Waltons". Mas a semelhança não para por aí. Não sei dizer se o Landon, pai, era cristão, muito menos se o Landon Jr. o é, mas a temática das histórias centra-se exatamente nos valores e princípios emanados do Cristianismo: fraternidade, amor, solidariedade, fidelidade, coragem, hombridade, etc.

É claro que nenhuma série refletiria a realidade se não tivesse as suas porções de egoísmo, inveja, orgulho, ciúmes, cobiça, traição, e outros pecados comumente manifestados pelos homens. O diferencial é que nela não existe nenhuma exaltação dos erros, nem a contemporização com eles, antes

são tratados como devidamente são: falhas, equívocos; há o chamado ao arrependimento, o estímulo às virtudes, e a uma vida permeada pelo favor divino (mesmo nas tragédias). Sim, você encontrará orações, pregações, diálogos e um sem-número de referências a Deus e à Bíblia. É pouco? Para mim, não é de se desprezar.

Bem, não farei uma resenha da série, nem entrarei em seus pormenores, porque o meu objetivo é indicá-la para os desconhecidos que, como eu, talvez viessem a conhecê-la por um "acaso", fortuitamente.

Sei que muitos torcerão os narizes, pela simplicidade da narrativa e dos personagens, mas exatamente por isso, por serem comuns mortais, gente como a maioria de nós, está o seu encanto, quando nos vemos em muitas das situações narradas, criando uma empatia, até mesmo pela nostalgia de tempos vividos, e que estão muito distante das misérias que cercam as relações pessoais em nossos dias. Para mim, tem sido um "oásis" em meio às programações e noticiários hodiernos, a toda a psicopatia reinante nas várias mídias.

Gostaria, sinceramente, que houvesse mais "Landons" na televisão e no cinema, e que as pessoas não se entregassem às distrações que as conservam em um quase estado de paralelismo existencial.

É o olhar do mundo imperfeito, mas descansando na esperança de que, Aquele que é perfeito, o transformará e o restaurará.

Notas:

1- A série pode ser assistida no Netflix, que já teve cinco temporadas concluídas. A sexta temporada será lançada em breve. É uma produção do estúdio Hallmark Movies, pródigo em fornecer ficção baseada em livros autobiográficos, e que estão completamente "fora da curva" do que o cinema e tv andam realizando atualmente, com raras e providenciais exceções.

2 - Pesquisando, na Web, encontrei a apresentação do Allan dos Santos à série, disponível no Youtube no link abaixo. Aos interessados, mais um depoimento de quão boa e surpreendente é essa novela:

"Dica de seriado", no Terça Livre

P.S: Infelizmente, com a suspensão do Canal Terça Livre e o bloqueio da pessoa jurídica pelo Ministro do STF Alexandre de Moraes, ficaremos sem a ótima indicação do Allan dos Santos sobre a série. Afinal, ele, o vídeo, trata de assuntos terrivelmente prejudiciais à democracia brasileira, além de ser, também, uma "fake news".

por Kim Jordan

UM MENINO BOBO

um conto de Michel Salomão

Na minha infância, quando a gente conhecia um menino bobo, a gente dizia que ele era re..., mas não dá para falar nem o nome, pois é proibido, assim como são proibidas diversas outras coisas. Na minha infância, era proibido fazer coisas erradas. Hoje em dia, fazer o certo é proibido. O que é errado, pode fazer.

Conheci na escola um menino bobo, que era muito bobo mesmo. Os meninos davam tapas em sua cabeça, o empurravam, colavam bilhetes nas suas costas, chutavam a sua bunda, pregavam papel higiênico no seu short, escreviam coisas na sua camisa. A mãe dele nunca foi na escola para reclamar sobre essas coisas, pois era faxineira em um hospital e não tinha tempo para isso. O pai era um alcóolatra e um dia sumiu sem dar explicações.

Ele tentava revidar, mas eram reações bobas, típicas de um menino bobo, e ele mordida o beijo, mordida o próprio antebraço, dava socos desnorteadamente no ar e chorava, chorava muito. Os meninos se divertiam com isso.

Eu não interferia, senão seria o próximo alvo. Certa vez até tentaram, mas levei um pedaço de pau com um prego na ponta e cravei nas costas do mais abusado deles. Falaram que eu era doido e deixaram-me de lado.

Muitos anos depois encontrei-me com o menino bobo, que não era mais menino, e nem bobo. Tinha crescido, tornou-se importante, arranhou um alto cargo público e a vida de muitas pessoas dependiam das decisões dele.

Não mencionei que o conheci quando ainda era bobo, ou melhor, quando era pequeno, pois poderia pensar que eu fazia parte do grupo que abusava dele, e seria improvável que ele se lembraria daquele menino feio, esquisito, magrelo, a pele morena cheia de manchas brancas, esquecido no fundo da sala e que era o único que não fazia maldades com ele.

Ele agora usava um grande anel no dedo mínimo direito. Ele fazia um verdadeiro balé com a mão, como se quisesse chamar atenção para o anel, e eu evitava olhar para aquilo, com medo de ser hipnotizado, caso fosse essa a intenção dele. Parece que era de ouro, e tinha uma pedra preta grande e quadrada. Pensei que pediria para eu beijar o anel. Enquanto falava, não me olhava nos olhos, e tratou-me com um incômodo desprezo, que por instantes fez crescer em mim a vontade de voltar ao passado para fazer parte da turma que o humilhava, mas lembrei-me que sou cristão e da forma que julgar, também serei julgado, e assim quietei-me por instantes.

Mas não foi por muito tempo. Ao final, ele me deu uma “esnobada” e aí não aguentei: falei que me lembrava dele do tempo em que o faziam de “mulherzinha”, que era um bobão e covarde e que agora tentava tirar onda em cima das pessoas.

Pensei que ele tentaria me agredir, mas ficou muito durante uns instantes e de repente começou a chorar. Chorar como um menino bobo, do mesmo jeito que ele fazia quando era criança.

Fiquei preocupado com a possibilidade de alguém abrir a porta e presenciar aquela cena estúpida, e assim corri no banheiro e peguei um punhado de papel higiênico para ele se limpar, mas a porta se abriu e entrou a secretária, que flagrou o momento em que eu tentava conter a torneira aberta que havia se transformado o seu nariz. Ela me olhou com um olhar que dizia “hummm... entendi tudo”, e eu até pensei em falar alguma coisa, mas percebi que não ia adiantar, principalmente depois que percebi o risinho cínico no canto de sua boca, quando saiu apressada.

Após fungar por um bom tempo, ele se recompôs e só assim retomou a armadura de arrogância e prepotência que tanto lhe pesava os ombros. Disse-me que havia sofrido muito, e que agora se lembrava de mim, que eu era um menino estranho, mas que ninguém mexia comigo, porque achavam que eu era doido.

Tentei dar uns conselhos para ele poder relaxar, para não levar a vida tão a sério, mas tive a impressão de que só queria que eu fosse embora.

Fiquei sabendo, tempos depois, que pediu demissão do cargo e se mudou para uma praia, onde hoje é dono de uma badalada barraca de sucos, e parece que está muito mais feliz desse jeito.



Deus nos fala de muitas formas; e nesta semana, Ele reforçou em meu coração dois conceitos bíblicos. Um sobre a nossa natureza, e outro sobre a Sua divina e perfeita natureza. Lendo o livro "E Agora, Como Viveremos", dos apologetas Charles Colson & Nancy Pearsey (CPAD), deparei-me com a narrativa de um obstetra americano, o Dr. Bernard Nathanson, o qual durante as décadas de 1960 e 1970, supervisionou mais de 60.000 abortos na clínica CRASH em NY (um nome, no mínimo, sugestivo para o local onde Nathanson praticou assassinatos, inclusive, dois dos seus próprios filhos). Para ele, os fetos eram seres impessoais, dependentes completamente da vontade de suas "mamães", as quais detinham o "direito" de eliminá-los ou não. Assim, juntamente com grupos feministas e pró-abortos, fomentou a aprovação de leis que permitissem o extermínio em massa de bebês nos EUA.

Em 1973, tornou-se chefe da unidade de perinatologia do St. Luke's Hospital Center, passando a cuidar das mães e dos bebês (embora continuasse a praticar abortos). Sua função era monitorar os fetos eletronicamente e tratar dos recém-nascidos doentes.

A ultrassonografia, lançada recentemente, era o que de mais moderno havia para se acompanhar o desenvolvimento do feto; e ele assistiu às imagens, pela primeira vez, juntamente com um grupo de residentes reunidos ao redor de uma paciente grávida. Durante o exame, ele percebeu que a sua mente abandonou o termo feto em favor do termo bebê. Tudo o que aprendera na faculdade de medicina fundiu-se às imagens na tela e impactou a consciência de Nathanson, convencendo-o de que a vida humana existia no ventre desde o começo da gravidez (depois de apenas doze semanas, nenhum novo desenvolvimento anatômico ocorre no bebê; ele simplesmente fica maior e mais capaz de sustentar a vida fora do útero).

Em 1979, finalmente, decidiu não realizar mais abortos, qualquer que fosse a justificativa (ele ainda acreditava que o aborto, em casos especiais, era legítimo). Publicou livros, documentários, e realizou palestras contra o aborto, tornando-se um defensor da vida, o que lhe valeu a inimizade e o desprezo dos seus mais diletos aliados no passado.

Em 1989, após procurar alívio para sua alma em quase tudo: casas maravilhosas, carros da moda, esposas que exibiam como se fossem troféus, adegas de vinho, cavalos, livros de autoajuda, terapia, drogas e misticismo, ele se converteu a Jesus Cristo [O Dr. Nathanson escreveu: "Eu estava morando com a suserania dos demônios do pecado, obviamente dedicando-me a tudo que estivesse vinculado ao a-

parente carnaval sem fim dos prazeres, a festa que nunca termina (como os demônios fazem acreditar)"].

Ao ler o seu testemunho, veio-me à mente Efésios 2:1: "E (Deus) vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados"; e, novamente, percebi o quão miseráveis e malditos somos, incapazes de nos alcançar a Deus e colaborar com a nossa salvação.

Um pecador como Nathanson, como eu, como você, está morto em seus pecados, MORTO! Paulo diz em Efésios 2.3: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também"; harmonizando-se com as palavras de Cristo: "Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados" (Jo 8.24). A única recompensa que fazemos jus é ao INFERNO, à punição de sermos condenados eternamente ao lago de fogo.

Mas aprouve a Deus, pela Sua graça, amor e misericórdia, nos resgatar das garras do maligno, e nos transportar para o Seu Reino de glória. Ele diz: "Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e dos teus pecados não me lembro" (Is 43.25); e ainda: "Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados" (Mt 26.28); enquanto Paulo conclui: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8-9).

Portanto, a cada dia, devemos nos convencer da nossa condição amoral, pecadora e dissoluta diante do Deus Santo; e reconhecer que, ainda assim, Ele derrama sobre nós a Sua graça, perdoadando-nos, redimindo-nos, limpando-nos, regenerando-nos, tenha eu matado milhares de bebês indefesos ou não, pois, todos carecemos da salvação que somente há em Cristo Jesus nosso Senhor: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã" (Is 1.18).

Que a salvação dada pelo Senhor Jesus Cristo, a qual não temos mérito algum, o faça exultar, glorificando a Deus por tê-lo escolhido antes da fundação do mundo (Ef. 1.4), assim como fez ao Dr. Nathanson. Somente Ele é capaz de transformar um assassino em santo, pois, "isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece" (Rm 9.16).

Jorge F. Isah

A Síndrome de Burnout e a ideologia política

Síndrome de Burnout, ou Síndrome de Esgotamento Profissional é um transtorno de ansiedade relacionado ao trabalho, e os seus sintomas passam a interferir em todas as áreas da vida, proporcionando ao seu portador uma sensação de cansaço extremo, falta de energia e motivação para realizar as tarefas diárias.

É um problema relativamente novo, muito confundido com a depressão, e tem a ver com a excessiva competitividade dos tempos modernos.

Costuma acometer principalmente pacientes com tendências socialistas, pois esses não estão acostumados ao ritmo de trabalho das grandes corporações, mais acostumados com as diárias reuniões dos sindicatos, empenhados no planejamentos de greves e piquetes.

Os principais desencadeadores dessa síndrome são:

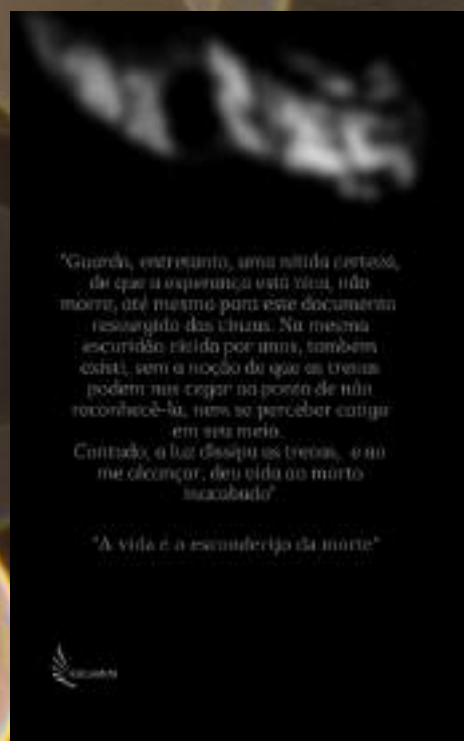
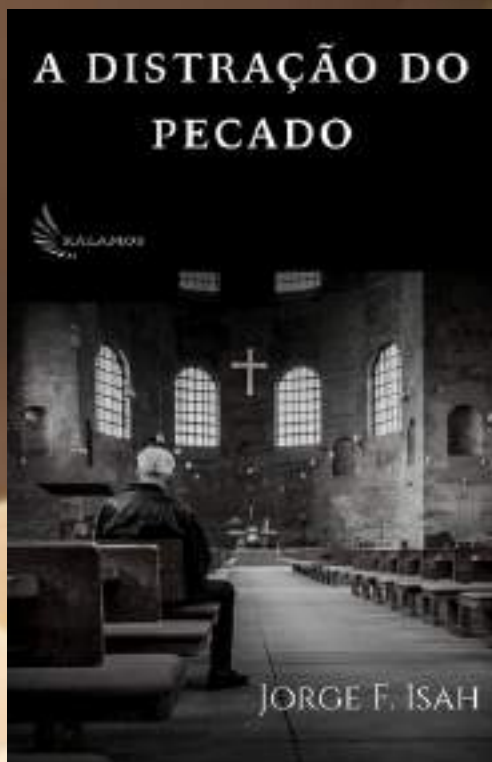
- 1.Registro de ponto
- 2.Prazos e metas
- 3.Chefes dando ordens
- 4.Ausência de benefícios indiretos

A síndrome passa por três fases distintas, sendo a primeira a ansiedade para receber o pagamento, isso já no primeiro dia de trabalho, passando para uma aparente agressividade ao verificar que a empresa não possui banheiros para transgêneros e, por fim, a exaustão, que acontece logo ao final da manhã do primeiro dia de trabalho.

O tratamento consiste em enviar o paciente a Paris, pois é onde os socialistas geralmente mais se sentem bem, fazendo compras em lojas da Gucci, Dior e Yves Saint Laurent.

TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br



BICHOS ESTRANHOS



De todos os bichos que aparecem nas fotos, apenas um é altamente nocivo à natureza

PIADAS + QUE IDIOTAS

Seu Manoel estava cansado de seu gatinho e decidiu levá-lo embora. Colocou o gato em um saco de pano, jogou-o dentro do carro e levou para bem longe.

Quando chegou em casa, o gato estava deitado no sofá. Nervoso, Seu Manoel pegou o gato, colocou no carro e levou para mais longe.

Ao chegar em casa, o gato estava deitado no sofá. Ele ficou ainda mais irritado, pegou o gato novamente, e levou-o para o mais longe possível.

Depois de duas horas, Seu Manoel ligou para casa e perguntou à mulher:

- Maria, o gato voltou?
- Voltou – Ela respondeu.
- Então põe ele no telefone para me explicar o caminho de volta para casa, pois estou perdido!

“Um rapaz vai à padaria e pergunta:

- Esse salgado é de hoje?
- Não!
- E como faço para comer o de hoje?
- Volte amanhã.

O que tem debaixo do tapete do hospício?
Um doido varrido.

Qual é a dançarina do diabo?
A diabetes!



O menino entra esbaforido em casa:

- Mãe, me dá um real para dar pro tio na rua?
- A mãe, orgulhosa com a iniciativa do filho, lhe dá o dinheiro e pergunta:
- Pra qual tio você vai dar o dinheiro?
- Enquanto corre para porta, ele responde:
- Pro tio que está gritando: “Olha a pipoca quentinha!”

Duas amigas bêbadas foram a um cemitério fazer xixi. Chegando lá a primeira fez, e como não tinha onde secar, secou-se com a calcinha e jogou-a fora. A segunda não quis jogar a calcinha fora, pegou uma fita de uma coroa de flores e colocou dentro para não se molhar...

No dia seguinte um dos maridos ligou para o outro:

- Minha mulher chegou bêbada e sem calcinha.

Acabei o casamento!

O outro falou:

- Você deu sorte, a minha, além de chegar bêbada, tinha uma fita presa onde estava escrito: “JAMAIS TE ESQUECEREMOS! WAGNER, JOÃO, ADOLFO, PAULO, CRISPIM E TODA A TURMA DA FACULDADE...”

O paciente confessa ao psiquiatra:

- Sou tão infeliz! Ninguém gosta de mim...

O psiquiatra responde:

- Não diga isso! Eu gosto de você.
- Tudo bem, mas infelizmente não tenho dinheiro para pagar todo mundo.

O doente vai ao médico, pois estava tendo fortes dores de cabeça. O médico então faz uma bateria de exames e, horas depois, o avisa:

- Não tenho boas notícias para você. Seu estado é terminal.

Segurando o choro, o homem respondeu:

- Meu Deus, quanto tempo tenho?!
- Dez – Sentenciou o médico.
- Dez o quê? Anos, meses, dias?
- Nove – o médico continuou – oito, sete, seis...

Havia dois caminhões voando. Um caiu. Por que o outro continuou voando?
Porque era caminhão-pipa.